

## artefactos visuais

**| ANÁLISE |** Socióloga da Arte e docente da UECE, Kadma Marques ecoa a capacidade criadora inequívoca e a contribuição significativa do cearense Antônio Bandeira (1922 - 1967)

# ANTÔNIO BANDEIRA

## uma revolução pelo olhar



**KADMA MARQUES**  
ESPECIAL PARA O POVO  
vidaearte@opovo.com.br

No horizonte dado pela memória das artes plásticas no Ceará, Antônio Bandeira desponta com a força de um monumento. Quando 99 anos nos separam da data de seu nascimento, às iniciativas de celebração de sua obra somam-se as formulações da crítica que se acumulam, reconhecendo não só sua capacidade criadora inequívoca, mas também sua contribuição significativa para a afirmação da lógica própria que caracteriza o campo da arte na atualidade. No âmbito da produção de formas plásticas abstratas, Bandeira desempenhou papel fundamental na configuração de uma verdadeira revolução pelo olhar.

De fato, sob a luz do século XX, a abstração na arte sofreu um golpe mortal sobre o olhar longamente cultivado pela pintura figurativo-representativa. Esta se transformou continuamente: desde as belas ilusões criadas pelo ideal de objetividade renascentista, que concebia a tela como uma janela para o mundo; passando pelas deformações figurativas forjadas pelas vanguardas modernas; até o momento

em que a figura desfez-se em formas líricas ou geométricas que buscavam exorcizar os deuses de proximidade com a experiência visual cotidiana. Pelas mãos de Kandinsky, Klee, Malevich, Mondrian, Pollock e outros, a criação plástica deixou definitivamente de submeter-se à lógica visual do real na pintura para delinear-se simplesmente como a realidade da pintura. São estes os ares de um tempo que inspirou o pintor cearense, cujos transtornos vincularam Fortaleza e Rio de Janeiro, mas também a capital carioca e Paris, da década de 1940 à de 1960.

Ao longo das duas décadas em que Bandeira integrou circuitos de produção artística local, nacional e internacional, o campo da arte concretizou-se como uma sociedade dentro da sociedade. Distanciadas do porto seguro que unia figuração e cultura letrada, as artes navegaram rumo às inúmeras possibilidades abertas pela emergência de uma nova sensibilidade plástica, dificilmente traduzida em palavras. Naquele universo particular, proliferavam obras denominadas simplesmente de “composição” ou “sem título”. Por sua vez, Bandeira tecia passagens entre referências figurativas e composições abstratas, reveladas por generosos títulos que orientavam a apropriação que os públicos poderiam fazer de sua obra, a exemplo de “Crepúsculo”, “Explosão”, “Cidade Queimada de Sol”, “Ilha” e outros.

É preciso considerar que, se a abstração abriu uma

cisão definitiva entre os modos de ver/conceber o mundo e a pintura, ela o fez intensificando um processo iniciado pelas vanguardas modernas: o eixo de interesse da apreensão e da criação artística deslocou-se do conteúdo objetivo do quadro, para o modo ou o estilo de fazê-lo. Então, artistas como Bandeira não somente criaram obras originais, mas a novidade destas

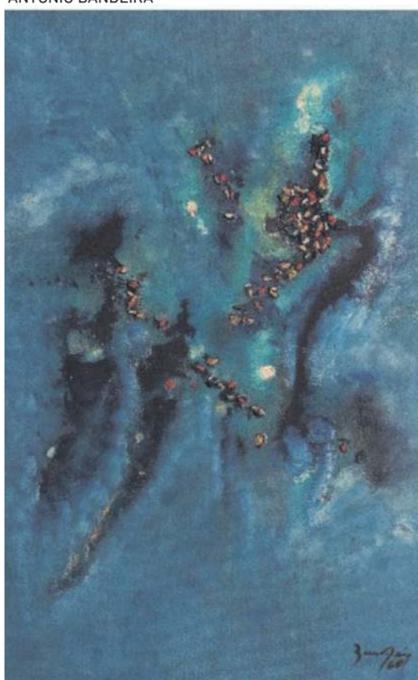
(em termos de formas, de técnicas e de materiais utilizados) exigia outros modos de apreciação estética.

Assim, frente às particularidades do abstracionismo lírico de Antônio Bandeira, o olhar depurado do apreciador de arte precisou lidar com os meandros do próprio trabalho de criação das obras, apreendendo a lógica processual de sua fabricação - o ritmo, a

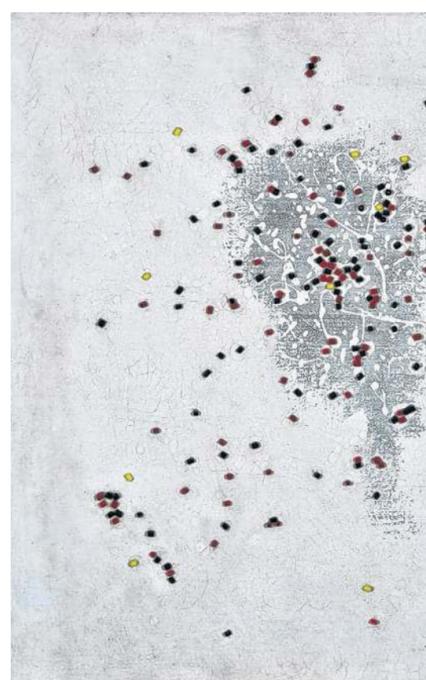
ordem de uso dos materiais e as técnicas experimentadas. Nesse sentido, dentre as ousadias formais do pintor merece destaque a curta, mas significativa série da década de 1960, a qual tem miçangas como material privilegiado. Produzido no período que antecede o retorno do artista para a inauguração do MAUC, em Fortaleza, esse conjunto que não reúne mais do que

quinze telas, tem sido cobijado por galeristas e colecionadores. Ele aponta um artista em plena maturidade criativa, que revela assim seu desejo de criar uma pintura capaz de ultrapassar a bidimensionalidade da tela, invadindo o mundo dos objetos por meio de composições abstratas em que a colagem de miçangas guia delicadamente o movimento visual do apreciador.

ANTÔNIO BANDEIRA



Óleo e miçangas sobre tela  
58 cm x 39,7 cm  
Tombo IAB 1664  
Ano 1960

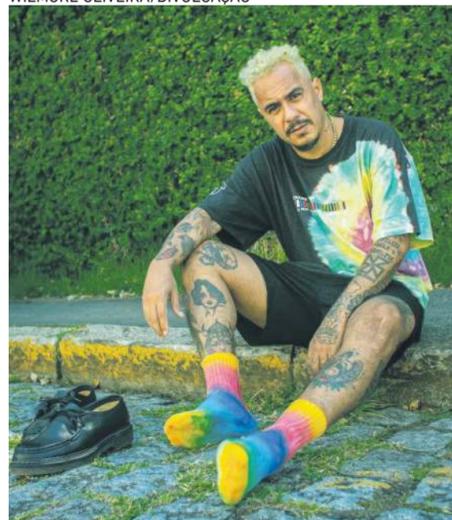


Óleo e miçangas sobre tela  
55 cm x 46 cm  
Tombo IAB 0091  
Ano 1960

## Marcelo D2 cria novo CD ao vivo

**| TWITCH |** Rapper apresenta festival virtual que transmite a produção do seu novo álbum

WILMORE OLIVEIRA/DIVULGAÇÃO



**MARCELO D2** realiza programação gratuita até dia 23 de maio no Twitch

Ancestralidade, arte, espiritualidade, música. Marcelo D2 está pronto para rufar os seus tambores mais uma vez. E se as primeiras batidas abriram caminho para a conectividade e a colaboração criativa em um processo inovador, os batucos agora ecoam ao som do legado dos seus antepassados e das raízes populares. É com este espírito que o artista realiza, até o dia 23 de maio, a Roda Cultural, um festival virtual que transmitirá ao vivo a produção do Volume 2 do álbum “Assim tocamos os MEUS TAMBORES”. As transmissões diárias serão realizadas a partir das 14h, no canal de Marcelo D2 na Twitch.

O novo disco, com lançamento previsto para junho, dá sequência ao movimento de

trocas despertado no Volume 1, quando, mesmo isolado em casa, D2 construiu obra com amplo leque de participações, reunindo públicos de todos os cantos do país em sua sala através de uma câmera conectada ao seu computador.

A Roda Cultural marca o início do processo de feitura da obra em uma grande celebração à ancestralidade. Serão 10 dias com uma programação que contempla shows e DJ sets, entrevistas e bate-papos, mostras de cinema e sessões de estúdio ao vivo em que o artista compartilha com o público a produção do álbum.

Entre os convidados confirmados, os produtores musicais do álbum Kiko Dinucci, Mario Caldato Jr e Nave, além

do engenheiro de som Pedro Garcia; Bia Ferreira, Dj Nuts, Dj Zegon e o rapper Sain (filho de D2), o historiador Luiz Antônio Simas, o jornalista e curador Leonel Kaz, a empresária Nicole Balestro, os artistas plásticos Bárbara Quintino e Diego Mouro, a cientista da computação Nina da Hora, os designers Pedro Andrade e Cocker Shoes, e DJ Tamenpi, que assume algumas das conversas no quadro “Só Pedrada Musical”.

A programação conta ainda com a exibição dos médiametragens “AMAR é para os FORTES” e “Assim tocamos os MEUS TAMBORES”, de Marcelo D2, “Kbela” (Yasmin Thainá), “Skate pelas Sombras” (Ronaldo Land) e do

documentário “Punk Molotov” (João Carlos Rodrigues).

É imerso neste contexto que Marcelo D2 convoca uma grande Roda Cultural virtual em que reúne arte popular, moda, cinema, artes plásticas, história, tecnologia e, claro, música na busca por conectar o público com um vasto universo de ideias e de toda a pluralidade de referências e inspirações abarcadas na concepção do novo trabalho autoral do rapper.

### Roda Cultural

**Quando:** até 23 de maio, das 14h às 22h  
**Onde:** twitch.tv/marcelod2